

## EDUCAÇÃO E PESQUISA QUALITATIVA

Antonio Chizzotti

Meu suposto preliminar, nesse encontro, parte de uma afirmação que pode parecer paradoxal: não tem objetivo de analisar a contribuição da pesquisa qualitativa para o desenvolvimento da educação, mas, *a contrario* afirmar que a educação deu um vigoroso impulso para a constituição, evolução e consolidação da pesquisa qualitativa, no século passado e se mantém promissora no século presente.

Um texto que circulou em tempos idos discutia as flutuações da consciência pedagógica: o texto presumia que a educação não tinha uma referência própria, e, num esboço, apresentava a educação em busca de fundamentos em outras ciências que se desenvolveram no século passado, enquanto a educação vagava ao encontro de ciências afins, como sociologia, psicologia, antropologia, estatística, em busca, alhures, de suportes epistemológicos, fundamentação e validação científicas. E, até, de recursos metodológicos.

A Educação, como área de conhecimento, parecia não ter um suporte fidedigno para afirmar-se na pesquisa científica, como uma prática social fundamentada em supostos epistemológicos justificados. A noção positivista, meramente transmissionista de educação, inspirada na concepção de Durkeim, favoreceu esse caráter ancilar da educação no campo das ciências humanas.

A educação, nesse horizonte, tem a finalidade primacial de transmitir às novas gerações o acervo de conhecimentos acumulados e a missão política de transmitir o legado de uma cultura comum, com a função de garantir a coesão social. Esse legado pode ser definido por um programa de ensino, composto pelos conhecimentos produzidos pelas ciências, traduzidos em disciplinas compartimentadas. A educação, nessa perspectiva, reduz-se a programas sistemáticos de ensino com a finalidade de veicular conhecimentos seletivos que introduzam os alunos no universo da cultura comum e, pela inculcação de conhecimentos, normas e valores, garanta a adesão à vida cívica do país. Enfim, A educação está confinada à didatização do saber.

*Ex nunc*, na historicização da pesquisa qualitativa tornou-se comum elencar as inovações que foram trazidas pelas estratégias de pesquisa desenvolvidas em áreas afins, considerando que elas impulsionaram o incremento da pesquisa qualitativa e promoveram uma revolução no desenvolvimento de novas estratégias de pesquisa.

Meu suposto, porém, é que a força motriz do desenvolvimento das pesquisas qualitativas esteve ligada e foi estimulada pela educação e áreas que se educaram pelo contato com as atividades educativas.

Se tomarmos, como exemplo, a sociologia da escola de Chicago- apontada, às vezes, como um marco da pesquisa qualitativa - e o incremento dado à etnografia urbana, constata-se que ela se desenvolveu a partir de sua preocupação educativa, seja induzindo os alunos a pesquisar o cotidiano da vida da cidade, seja trabalhando para integrar grupos segregados aos padrões da classe média norte americana

Se recordarmos das diatribes metodológicas alemãs do século passado, as discussões sobre as ciências do espírito, a história, a antropologia e as construções teóricas que deram suporte a essas ciências, o foco fundamental estava vinculada á preocupação educativa: não só mostrar o mundo vivido ou revelar o outro, mas educar para uma compreensão comum.

Se regredirmos ao passado mais remoto, à Paidéia grega, o grande impulso para a construção do que ficou sintetizada na filosofia platônica, foi a invenção de uma academia que lograsse educar para a cidadania. A educação forjou um corpo de temas e questões analíticas que constituíram o que conhecemos como filosofia. Idêntico percurso pode ser vista na escola jônica, eleatense, peripatética, sofista e nas diversas academias pós-platônicas de Plotino, Arcesilau, Santo Agostinho etc. Todos educadores que forjaram as bases pedagógicas de suas escolas, construindo um arcabouço de princípios filosóficos que sustentaram suas atividades educadoras.

## I Encontro de Representantes de Grupo de Pesquisa e Estudos Qualitativos

Se recapitularmos o século passado, ele foi não só um século do desabrochar das ciências humanas, mas especialmente da educação, de modo particular com a construção de sistemas nacionais de educação e a vinculação da educação à pesquisa. Nesse contexto, a expansão da educação, proclamada como um direito universal de todo cidadão, provocou uma ampla expansão do ensino, vingou a concepção humboltiana de ensino vinculado à pesquisa, como imperativo central do ensino superior e coroamento de toda educação básica. O desenvolvimento da pesquisa no século passado provocou um amplo debate sobre o estatuto da investigação científica, desabrochou novos campos, estratégias e fundamentos da investigação que suplantaram a concepção de um modelo único e desfizeram os critérios únicos de validade causal e certeza mensurada.

A educação indicou que os processos e os significados não dependem somente de dados experimentalmente examinados e medidos em função de quantidade, intensidade, frequência; sem ter presente a atenção sensível para os significados que os sujeitos criam em seus atos, não há como garantir a qualidade dos resultados de uma pesquisa que trata com pessoas que se empenham em construir suas vidas no convívio com outras. A lógica formal ou intuição matemática constroem uma seqüência ordenada e convincente de justificação, mas não garantem que a vida humana seja uma via linear, mecânica e determinista, quanto pode ser a argumentação quantificada. O valor da lógica e o rigor da matemática não são impérios absolutos que tangem todas as vidas; são as vidas que edificam esses processos formais

O que se apresenta como desafios à educação e seu vínculo siamês com a pesquisa e, mais especificamente, com o que chamamos de pesquisa qualitativa, é a voz que a educação confere a sujeitos racionais, livres e capazes de deliberação, imersos nas condições históricas, na força dos desejos, na turbulência dos sentidos, ou seja, considera a vida de quem educa ou se educa mais fluente que a lógica linear dos argumentos formais.

Por essa razão cumpre relevar alguns temas que sempre foram caros à educação.

O outro, sua voz e percepção, a perspectiva êmica e o compromisso de toda tarefa educativa é sempre relevante no processo investigativo; a educação jamais pôde ignorar o outro em qualquer momento de quem faz pesquisa, sempre condicionado pelos supostos culturais de cada época. A educação auxiliou a filosofia a olhá-lo – e vice versa - sob um novo crivo – não só sob conceito próprio do individualismo liberal, abstratamente reconhecido como sujeito, *de jure*, dotado de razão livre e liberdade autônoma, imune às contingências históricas, mas, percebê-lo *de fato*, como um educando inscrito na teia de relações de um mundo real, condicionado por necessidades sociais. É nesse mundo concreto que a educação tem sentido; é aí que se pode formar alguém, senhor de seus atos. Reconhecer as possibilidades e limites de quem partilha da busca criteriosa do conhecimento abre horizontes para uma participação efetiva no processo da pesquisa. O outro não é mero objeto, mas sujeito ativo de toda pesquisa que se pretenda qualitativa, e a pesquisa, que ignore a relevância dessa participação, abandona a qualidade elementar de qualquer investigação.

A educação partilhou com a antropologia do grande esforço para libertar-se da mentalidade colonial de ver o outro, favoreceu a superação concepção comparatista diacrônica conteana da evolução – dividindo-os em bárbaros e civilizados. O outro exprime com seus atos e seus traços culturais a originalidade que o pesquisador não pode ignorar sob pena de desqualificar os resultados de uma pesquisa. Educar exprime o reconhecimento da relação direta e constante de aprendizes que se posicionam como educador e educando, pesquisador e pesquisado. Basta lembra a insistência constante, verbal e escrita, de Paulo Freire sobre essa relação partilhada.

A educação caminhou com a **sociologia**, reconhecendo nas atividades circunscritas de uma sala de aula, o microcosmo da sociedade, com todos os embates humanos e sociais que acontecem nos foros econômicos e políticos de cada aluno, presentes no cotidiano de cada aula. A educação não trata de duendes diáfanos, são presenças concretas, sempre presentes no dia a dia, que exprimem, a cada momento, as vicissitudes e encantos da vida, e só podem ingressar em qualquer pesquisa, se for reconhecido seu estatuto de seres humanos envolvidos com seu contexto.

A educação, pela sua própria natureza, revolucionou as teorias. Teorias abstratas com todos os seus supostos, axiomas e certezas definitivas são inócuas se não forem capazes de serem comprovadas pela prática. A ação de qualquer educador só pode ser comprovada se for capaz de instruir a prática de quem aprende. A pretensão de certeza não pode ignorar a validação que o educador recolhe em cada

## **I Encontro de Representantes de Grupo de Pesquisa e Estudos Qualitativos**

ato de sua atividade. Não se educa inculcando teorias inconsequentes com a prática. Sem a participação efetiva dos sujeitos - insiste a educação- a pesquisa é falível como qualquer fabulação.

Insistiria ainda: a educação recolocou as questões éticas da pesquisa, redimensionou os critérios de certeza, a textualidade do discurso científico, levantou novos temas cruciais para o mundo presente e futuro, desvendou novos caminhos de pesquisa, evidenciou o poder inscrito em todo processo de investigação, provocou novas sensibilidades.

Todas as inovações e descobertas produzidas na pesquisa qualitativa, no século passado e presente, não é tributária exclusiva da educação; seria uma asserção jactanciosa. Mas, não se pode ignorar que a educação esteve presente em quase todos os esforços que deram impulso e consistência à pesquisa qualitativa.